

Entre a senhora de Paita anunciada e as *trampas* de uma mulher à sombra: uma perspectiva crítica decolonial para pensar a figura de Manuela Sáenz em um romance de Mabel Pagano

In between the announced lady of Paita and the traps of a woman in the shadow: a critical decolonial perspective to think about the figure of Manuela Sáenz in a novel by Mabel Pagano

María Pía Marcaida*

Universidad Nacional de Tucumán
San Miguel de Tucumán, Tucumán, Argentina

Marina Luísa Rohde**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Cascavel, Paraná, Brasil

Phelipe de Lima Cerdeira***

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

* Professora de Letras da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Nacional de Tucumán (UNT). Doutoranda em Letras da Faculdade de Filosofia e Letras da UNT. Professora de Educação Secundária em Instituições Privadas da Cidade Autônoma de Buenos Aires. Membro do grupo "Ressignificações do passado na América: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção - vias para a descolonização". (UNIOESTE). E-mail: mpmarcaida@hotmail.com

** Doutora em Letras, na área de Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados e Literatura pela Unioeste, campus de Cascavel. Mestre em Letras (Estudos Comparados e Literatura) pela Universidade Estadual do Paraná (2018). Possui graduação em Letras - Português/Inglês pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Cascavel (2014). Participante do grupo de pesquisa "Ressignificações do passado na América: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção - vias para a descolonização". Atua como professora de português no programa de Imersão Bilingue do Estado de Utah (EUA), na escola Sunrise Elementary, com a 1ª série. Possui experiência com o ensino de inglês, português para estrangeiros e literatura. E-mail: marinaluisar@gmail.com.

*** Professor Adjunto de Espanhol e Literaturas Hispânicas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Departamento de Letras Neolatinas, Instituto de Letras. Doutor em Letras – Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), com temporada sanduíche na Universidad Nacional de Córdoba (Argentina). Também pela UFPR, é Mestre em Letras e Licenciado em Letras – Espanhol. Pós-doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Participante do grupo de pesquisa "Ressignificações do passado na América: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção - vias para a descolonização" e, ainda, de outros grupos de pesquisa no Brasil e na Argentina, concentrando a sua produção bibliográfica nas áreas de ficção histórica e ensino de literatura. Bolsista Prociência UERJ. E-mail: phelipecerdeira@gmail.com.

Resumo: Entender a ficção histórica não apenas como uma das diferentes escolhas tomadas pela literatura contemporânea, mas também como uma materialização discursiva do potencial emancipador do pensamento latino-americano é o nosso ponto de partida. A partir de pressupostos epistemológicos dos estudos decoloniais (MIGNOLO, 2003; QUIJANO, 2005, 2014; SOUZA SANTOS, 2010; CASTRO-GÓMEZ; GROSFUGUEL, 2007), este artigo oferece uma leitura possível do romance histórico *Manuela Sáenz. La señora de Paita* (2012), da escritora argentina Mabel Pagano. Para tanto, crivam-se como fundamentação teórica contribuições advindas não apenas das teorias atreladas ao romance histórico enquanto gênero (LUKÁCS, 1966), mas também as propostas para pensá-lo a partir de fases e de modalidades (FLECK, 2017). Tomar-se-á a obra também a partir das sinuosidades concernentes ao contexto de ficção histórica argentina, valorizando uma possível filiação ao tropo literário *Argentum Córdoba* (CERDEIRA, 2019) e os interesses contínuos pela ressignificação da personagem de extração histórica (SHARPE, 1992) Manuela Sáenz (ROHDE, 2022).

Palavras-chave: Ficção Histórica. Estudos Decoloniais. Romance Histórico Tradicional. Manuela Sáenz. Literatura argentina.

Abstract: Understanding historical fiction not only as one of the different choices made by contemporary literature, but also as a discursive materialization of the emancipatory potential of Latin American thought is our starting point. Based on the epistemological assumptions of decolonial studies (MIGNOLO, 2003; QUIJANO, 2005, 2014; SOUZA SANTOS, 2010; CASTRO-GÓMEZ; GROSFUGUEL, 2007), this article offers a possible reading of the historical novel *Manuela Sáenz. La señora de Paita* (2012), by the Argentine writer Mabel Pagano. To this end, contributions arising not only from theories linked to the historical novel as a genre (LUKÁCS, 1966), but also proposals to think about it from phases and modalities (FLECK, 2017) are sifted as a theoretical foundation. The work will also be analyzed from the meanders concerning the context of Argentine historical fiction, valuing a possible affiliation to the literary trope *Argentum Córdoba* (CERDEIRA, 2019) and the continuous interests in the reframing of the historical extraction character (SHARPE, 1992) Manuela Sáenz (ROHDE, 2022).

Keywords: Historical Fiction. Decolonial Studies. Traditional Historical Novel. Manuela Saenz. Argentine Literature.

Narrar a partir das perspectivas de mulheres e (re)contar as histórias: os rumos da ficção histórica e os desafios de leituras críticas decoloniais

En el primer momento, consideró que la actitud de Simón era mezquina y egoísta. [...] Incapacitada para romper el cerco que Simón había tendido a su alrededor, ayudado por algunos oficiales que nunca la miraron con buenos ojos, Manuela decidió un día irse de La Quinta, con la certeza de que en algún momento él la enviaría a buscar [...]¹. (PAGANO, 2012, p. 131).

A reflexão sobre a condição discursiva que circunscreve as perspectivas dos discursos ficcional e histórico (MILTON, 1992) é um ponto de inflexão para a maneira com a qual lidamos não apenas com o nosso passado, mas como entendemos o nosso presente e como ansiamos o nosso futuro. Em tempos em que buscamos paradigmas outros (MIGNOLO, 2003) para as Humanidades e que nos entendemos como vozes

¹ Nossa tradução livre: “Num primeiro momento, considerou que a atitude de Simón era mesquinha e egoísta. [...] Incapaz de romper o cerco que Simón havia realizado ao seu redor, ajudado por alguns oficiais que nunca a viram com bons olhos, Manuela um dia decidiu ir embora de La Quinta, com a certeza de que, em algum momento, ele lhe buscaria [...]”.

capazes de fissurar certa colonialidade do poder (QUIJANO, 2014) e, por conseguinte, propor um chamado giro decolonial (CASTRO-GÓMEZ; GROSGOUEL, 2007), a ficção histórica se constitui como campo sensível e oportuno para o processo de descolonização do saber (SOUZA SANTOS, 2010).

A partir de tais pressupostos epistemológicos iniciais, este artigo propõe uma leitura possível do romance *Manuela Sáenz. La señora de Paíta* (2012), da escritora argentina Mabel Pagano, fortalecendo as discussões sobre o interesse de ressignificações de mulheres de extração histórica que fazem parte do processo de constituição identitária latino-americano.

Ao propor uma discussão breve e inicial sobre a relevância de Manuela Sáenz e o destaque para a forma como diferentes romances históricos a retomaram via ficção, problematizamos como a diegese criada por Pagano acaba por não dar protagonismo claro à personagem de extração histórica (SHARPE, 1992) que, mormente, parece ter sido escamoteada por uma ordem e uma lógica historiográfica falocêntrica. Ademais, fazem parte do nosso marco teórico reflexões mais adensadas a respeito dos múltiplos processos de ressignificação de Manuela Sáenz em distintos romances (ROHDE, 2022), perspectivas outras para tomar a literatura argentina contemporânea que se interessa pela ficção histórica (CERDEIRA; PIRES, 2020) e que podem ser enlaçadas ao chamado tropo literário Argentum Córdoba (CERDEIRA, 2019) e, ainda, outras discussões que se fazem presentes para pensar nas fases e modalidades do romance histórico (FLECK, 2019).

Manuela Sáenz de Vergara y Aizpuru, “Manuela Sáenz Thorne”, “Manuelita” ou “La Libertadora del Libertador”, “La Generala”, “La Coronela” e “La insepulta de Paíta²”, tem sua vida retratada pela historiografia e pela ficção dos séculos XIX, XX e XXI em um contexto interamericano. Sua trajetória vincula-se a um projeto político de independência das colônias hispano-americanas do domínio espanhol, sob o comando de Simón Bolívar (1783 – 1830), com quem viveu um complexo relacionamento. Sua existência é marcada por vias paradoxais de privilégio e apagamento que conduzem sua história e a impossibilidade de ser esquecida frente aos séculos que a sucedem. Manuela Sáenz representa, metonimicamente, outras mulheres. Sua subversão à ordem vigente não aconteceu na singularidade: outras mulheres também atuaram de forma análoga; ela representa, portanto, um grupo maior, que não entrou para os anais historiográficos por, possivelmente, não ter estabelecido um vínculo com uma personalidade masculina protagonista de episódios históricos ou, ainda, por não ter tido os mesmos privilégios econômicos que Sáenz tivera.

Assim, ela é a essência de uma impulsão que a América não pode mais ignorar, pois sua trajetória de vida estabelece um redirecionamento paradigmático do papel das mulheres, em suas múltiplas percepções e atuações, no contexto latino-americano, principalmente.

² Este é o nome dado à elegia escrita por Pablo Neruda, em 1972, à Manuela Sáenz.

Entre o ponto de partida e o de chegada: a relevância de Manuela Sáenz para as produções de romances históricos nas últimas décadas

Manuela Sáenz nasceu em Quito, Equador. Com relação ao seu ano de nascimento, as biografias apontam para duas possibilidades distintas: 1795 ou 1797. Sobre os seus primeiros anos de vida, a professora estadunidense Pamela Murray (2008) aponta que Sáenz passa a infância no convento La Concepción, de Quito. Em sua juventude, Sáenz mora com seu pai e a madrasta no Panamá e, em 1817, com 22 anos, casa-se com James Thorne, um comerciante inglês que tinha o dobro de sua idade, e o casal passa a morar em Lima. Vale lembrar que, na diegese de Pagano, a figura de extração histórica James Thorne também é ressignificada, sendo retratada sempre a partir da perspectiva de Sáenz, não apenas por suas ausências por conta de interesses mercantis, mas pela decisão da quitenha de não se render à ordem social e matrimonial vigente. No romance, o então esposo entende que o enlace entre Sáenz e Bolívar não se trata de algo fortuito:

El inglés no era tonto y el regreso de Bolívar había terminado por convencerlo de que entre Manuela y él todo estaba concluido. Por razones prácticas, tampoco le convenía terminar mal con ella, porque con el cariz que estaban tomando los acontecimientos, nadie sabía hasta dónde iba a ser capaz de llegar el general. Y no era cuestión de pelearse con el poder, siempre tan ligado a los negocios³. (PAGANO, 2012, p. 111).

Segundo dados biográficos, é justamente ao se casar com Thorne que Sáenz tem acesso a outra realidade conferida às mulheres de classes mais abastadas durante o período colonial. O matrimônio, a despeito de todas as limitações sofridas pelas mulheres, principalmente, propiciou-lhe a oportunidade de participar de jantares de uma elite aristocrática preocupada com os avanços das insurreições independentistas e que discute os percursos políticos regidos naquele momento. Verifica-se, ainda, que essa posição de Sáenz era mais uma característica de seus privilégios e que ela os utiliza de modo perspicaz, a fim de reunir informações e as transmitir aos líderes independentistas, atuando, conscientemente, para a descolonização primeira de boa parte da América Hispânica.

Frente a esse cenário, o posicionamento de Sáenz já evidencia sua postura crítica, que enseja mudança política por meio dos conflitos independentistas. Essas ações são parte de um movimento de descolonização, no qual ela atua e que consiste na saída efetiva dos espanhóis das terras hispano-americanas. O olhar do século XXI permite-nos depreender a relevância de suas incipientes ações descolonizadoras – provenientes, já, de prematuros pensamentos decoloniais – em um contexto de efetivo trânsito de padrões e de fatalidades.

Sobre a participação feminina no contexto hispano-americano, destacamos que a geração de Manuela Sáenz não foi a primeira em que as mulheres contavam com um papel representativo. Murray (2008, p. 22) comenta que:

³ Nossa tradução livre: “O inglês não era tonto e a volta de Bolívar acabou lhe convencendo de que tudo estava terminado entre Manuela e ele. Por razões práticas, tampouco lhe convinha terminar mal com ela, porque pela maneira que estavam tomando os acontecimentos, ninguém sabia até que ponto o general iria chegar. E não era questão de brigar com o poder, sempre tão ligado aos negócios”.

[...] women participated in the overall political conflict and, after 1810, in the increasingly bitter wars that erupted between patriots and loyalists. Their participation certainly was crucial to the former. Urban Upper-class women, for instance, nurtured the patriot cause in its infancy, hosting informal gatherings (*tertulias*) that had served as forums for anti-Spanish criticism – and, as in the case of Quito’s Manuela Cañizares in 1809, helped hatch the first creole autonomist conspiracies. Like “La Guerra” Rodríguez and Leona Vicario in Mexico, they also gave much-needed financial, material, and logistical support to the leaders of the first insurgent armies⁴.

Manuela Sáenz atua, portanto, a partir de uma perspectiva plural – voltada à descolonização tanto política quanto ideológica, identitária e cultural, guiada pelo influxo de um pensamento decolonial embrionário –, associada às gerações de mulheres que participaram dos conflitos coloniais em causas independentistas. Desse modo, ela se torna, para a representação estética, uma personagem metonímica⁵, uma vez que, ao falarmos sobre sua vivência, alcançamos outras personagens femininas de percursos similares.

Assim, quando Sáenz, em 1822, regressa a Quito para exigir sua parte na herança do avô materno, ela conhece Simón Bolívar, que chegava à cidade após combates pela independência do Equador. Murray (2008) aponta que Sáenz, durante esse período em Quito, por seu interesse político, obteve até mesmo uma audiência pessoal com Bolívar de modo a estabelecer contatos, contar com aliados ou oferecer assistência e favores.

Sáenz, ao se aproximar de Bolívar, aproxima-se da guerra e de uma versão sua mais inserida no contexto político do século XIX. Há, em ambos, uma comunhão de interesses pessoais. De acordo com Murray (2008), “[...] Sáenz budding affair with Bolívar must be viewed in this context, occurring as it did in a city, Quito, eager to celebrate its liberation from the Spanish and to make up for recent wartime privations.” (MURRAY, 2008, p. 32). Desse modo, não podemos afirmar que houve entre ambos apenas uma união

⁴ Nossa tradução livre: “[...] as mulheres participavam do conflito político de modo geral e, depois de 1810, nas guerras cada vez mais amargas que eclodiram entre patriotas e legalistas. A participação delas certamente foi crucial para os movimentos anteriores. As mulheres urbanas de classe alta, por exemplo, alimentaram a causa patriótica em sua infância, organizando reuniões informais (*tertulias*) que serviram como fóruns para críticas antiespanholas – e, como no caso de Manuela Cañizares de Quito em 1809, que ajudou a eclodir as primeiras conspirações autonomistas crioulas. Como “La Guerra” Rodríguez e Leona vicário no México, elas também deram o tão necessário apoio financeiro, material e logístico aos líderes dos primeiros exércitos insurgentes”.

⁵ Sáenz, ao se aproximar de Bolívar, aproxima-se da guerra e de uma versão sua mais inserida no contexto político do século XIX. Há, em ambos, uma comunhão de interesses pessoais. De acordo com Murray (2008), “[...] Sáenz budding affair with Bolívar must be viewed in this context, occurring as it did in a city, Quito, eager to celebrate its liberation from the Spanish and to make up for recent wartime privations.” (MURRAY, 2008, p. 32). Desse modo, não podemos afirmar que houve entre ambos apenas uma união excêntrica, movida por um sentimento singular de mútua apreciação. Essa relação é fruto de uma época de constantes transformações e refutações de condutas.

⁶ Nossa tradução livre: “O relacionamento de Sáenz com Bolívar deve ser visto nesse contexto, ocorrendo como aconteceu em uma cidade, Quito, ansiosa para comemorar sua libertação dos espanhóis e para compensar as privações recentes do tempo de guerra”.

excêntrica, movida por um sentimento singular de mútua apreciação. Essa relação é fruto de uma época de constantes transformações e refutações de condutas.

Assim, durante os oito anos que seguiram, até a morte de Bolívar, em 1830, Sáenz chegou ao auge de sua vida. Por conta do relacionamento com Bolívar, a quitenha teve acesso a uma evidente participação política, em um espaço predominantemente masculino, distanciando-se, ainda mais, da imagem idealizada da mulher pelo discurso e pelas práticas colonialistas.

Cabia a ela a preservação e a proteção das cartas trocadas dentro do movimento guerrilheiro, ocupação que lhe foi designada por Simón Bolívar para que ela ficasse em Lima e guardasse todos os seus arquivos oficiais e pessoais. No romance, tal dado não é desprezado por Pagano, o que parece explicar, inclusive, a decisão para que grande parte da diegese esteja forjada a partir da emulação e da representação de diferentes cartas trocadas, não apenas entre Sáenz e Bolívar, mas também com outras figuras de extração histórica relacionadas a dado momento:

Sé lo que arriesgo políticamente partiendo del Perú. Pero si no lo hago, todo el sacrificio que hicimos hasta el presente habrá sido en vano. Y sabes que no exagero, pues estabas conmigo cuando llegó ese mensaje secreto en el que se me anunciaba una nueva conspiración de Santander. [...] He dejado indicaciones precisas a algunos de mis amigos más fieles para que te protejan⁷. (PAGANO, 2012, p. 116, itálico da autora).

Além disso, de acordo com as referidas biografias, em 1823, Sáenz veste um uniforme militar e ajuda a impedir uma insurreição anti-bolivariana, em Quito. Pelos anos seguintes, o uniforme militar a acompanharia, publicamente, em Quito e em Lima, assim como seu posicionamento em defesa da Grã-Colômbia⁸.

Os registros historiográficos apontam que sua vinculação à causa bolivariana e o seu relacionamento com o general não eram ignorados pela sociedade. De acordo com Murray (2008), os movimentos de Sáenz, nesse período, assumiram certo padrão: ela

⁷ Nossa tradução livre: “Sei o que arrisco politicamente ao partir para o Peru. Mas se não o faço, todo o sacrifício que fizemos até aqui terá sido em vão. E você sabe que não estou exagerando, já que estava comigo quando chegou essa mensagem secreta na qual me foi anunciada uma nova conspiração de Santander. [...] Tenho deixado indicações precisas a alguns dos meus amigos mais fieis para que lhe protejam”.

⁸ A Grã-Colômbia é um extinto país sul-americano, constituído em 1819, idealizado por Bolívar, que equivalia à divisão geográfica colonial do vice-reinado de Nova Granada. Em uma tradução livre, advinda da Enciclopédia Britannica, temos o seguinte: “Grã-Colômbia, nome formal da República da Colômbia, república de curta duração (1819–1830), anteriormente o Vice-Reino de Nova Granada, incluindo, aproximadamente, as nações modernas da Colômbia, Panamá, Venezuela e Equador. No contexto de sua guerra pela independência da Espanha, as forças revolucionárias no norte da América do Sul, lideradas por Simón Bolívar, em 1819, lançaram as bases para um governo regular em um congresso em Angostura (hoje Ciudad Bolívar, Venezuela). Sua república foi, definitivamente, organizada no Congresso de Cúcuta, em 1821. Antes disso, o governo era militar e altamente centralizado, com o poder executivo diretamente exercido por vice-presidentes regionais, durante a campanha do presidente Bolívar. Foi reorganizada como uma república representativa centralizada, com capital em Bogotá; Bolívar tornou-se presidente e Francisco de Paula Santander vice-presidente. A constituição também previa uma legislatura bicameral, eleita nas três regiões da república.” Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Gran-Colombia> Acesso em: 20 jan 2021.

acompanhava as tropas bolivarianas, ficando sempre a cerca de um dia de distância e valendo-se de uma rota distinta. “[...] apparently, only she, Bolívar and Santana and their couriers knew of it. Available sources suggest, moreover, that, as the army moved into enemy territory [...] Sáenz probably for security reasons, increased her distance from it⁹.” (MURRAY, 2008, p. 38). Sáenz era parte ativa do movimento independentista. Sua presença no fronte era estimada e sua opinião ouvida. Este é, portanto, o perfil dos primeiros anos de relacionamento de Sáenz e Bolívar: aproximações políticas, movimentos independentistas no ápice das renovações, não comprometimento de Bolívar com Sáenz, e ela, por sua vez, distanciando-se, cada vez mais, de seu casamento, a fim de se aliar ao general política e amorosamente.

No que tange à participação de Sáenz nos campos de batalha, sua presença torna-se imagem comum. Ela acompanha Bolívar, é responsável pelos arquivos da campanha independentista, aproxima-se do general Sucre, com quem estabelecerá laços de amizade, e auxilia o exército independentista, prestando serviços no socorro aos feridos, além de conselhos e opiniões políticas. Desse modo, ao serem vistos juntos, ela recebe maior respeito e visibilidade pelos aliados de Bolívar. Murray (2008) traça algumas facetas diplomáticas de Sáenz, como o estreitamento de diálogos com homens, de forma a estabelecer laços de amizade, atitude que marcará seus anos após a morte do general, além de ações de interseção e proteção aos refugiados e a outros indivíduos em situações periclitantes. É válido ressaltar que essas ações lideradas pela personalidade quitenha atuam no fortalecimento da campanha de Bolívar, consolidando-o como o mais poderoso líder da América do Sul.

Fica-nos evidente, portanto, que Manuela Sáenz extrapola a imagem da mulher que amou Bolívar. Ela, mais do que se relacionar com o maior ícone do movimento independentista na América Hispânica do século XIX, também se associou ao movimento por interesses pessoais, aflorados desde muito jovem. Parece-nos, aqui, ser fundamental que reiteremos sua importância política e diplomática, uma vez que a condição de amante não é suficiente para abarcar a relevância de sua representação à América hispano-americana, mormente.

Com a morte de Bolívar, Sáenz inicia outro capítulo de sua história, o qual julgamos que tenha sido o mais desafiador, uma vez que serão 26 anos sem a presença física de Bolívar, mas com a presença dela sempre vinculada a ele. Nesse período, ela recebe um tratamento cada vez mais hostil por parte de seus inimigos políticos. A morte de seu companheiro e aliado político não corresponde ao fim de sua atuação política, o que perturba a oposição que a quer exilada.

Por mais de duas décadas, até sua morte, Manuela Sáenz exila-se em Paita, uma remota cidade portuária no Peru. Durante os primeiros anos, afastada de todos os seus contatos, Sáenz encontra uma forma de se manter politicamente presente por meio de cartas. Como afirmado anteriormente, o gênero epistolar foi o responsável por permitir que a sua voz fosse transmitida, uma vez que seu espaço de manifestação era parco. Por

⁹ Nossa tradução livre: “[...] aparentemente, só ela, Bolívar, Santana e seus mensageiros sabiam disso. As fontes disponíveis sugerem, além disso, que, à medida que o exército se movia para o território inimigo, Sáenz, provavelmente, por razões de segurança, aumentava a sua distância da dele”.

estar destituída de influência política, saúde e dinheiro, Sáenz, em sua última década de vida, inicia um empreendimento pequeno que a aproxima de importantes comerciantes e lhe garante seu sustento pelos anos vindouros, como relata Murray (2008, p. 146), “[...] Sáenz’s extant letters suggest, furthermore, that by the early 1850s she was developing small business in Ecuadorian, especially Quito, handicrafts¹⁰.” Por consequência, seu negócio prospera, assim como seus laços de amizade com grupos aristocráticos de Quito.

O percurso de vida de Manuela Sáenz chega ao fim em 1856, quando a cidade de Paíta sofreu com uma difteria epidêmica que a atingiu. Murray (2008) expõe-nos que, “on November 23, around six in the evening [...] the fifty-nine-year-old Sáenz succumbed to illness. Her death would be noted by friends. Her life, in time, would be remembered¹¹.” (MURRAY, 2008, p. 154). Fica-nos evidente, portanto, que seu nascimento e sua morte foram marcados por controvérsias e descaso; contudo, sua vida, desde muito cedo até os últimos anos, foi de exemplar subversão e luta, de constante insatisfação e de notável representação política e diplomática.

Perspectivas outras para a fissura de um campo de poder: o lugar do romance de Pagano a partir do Tropo *Argentum Córdoba*

Antes de avançarmos, no entanto, a uma leitura possível da obra de Pagano como um exemplo contemporâneo de romance histórico tradicional¹² (FLECK, 2017), parece-nos, pois, relevante entender como *Manuela Sáenz: La Señora de Paíta* pode ser tomada também como um exemplo dissidente de determinado campo intelectual e de poder (BOURDIEU, 1990, 2002) argentino. Como sabemos, o interesse por enlaçar ficção e história em uma amálgama discursiva repleta de porosidades não é uma exclusividade do país Austral, já que “[...] ese producto histórico de la cultura europea se implantó tan rápidamente y con tanta perdurabilidad en el continente.” (JITRIK, 1995, p. 20).

O ímpeto por forjar – e não exatamente fundar – as nações mediante horizontes dos vencedores e não dos vencidos encontrou, na Argentina, um capítulo fundamental desde a Geração de 37¹³, com possibilidades para identificarmos elementos desses dois discursos não apenas em romances históricos devidamente catalogados, mas, também, em obras-chave para a literatura do país, como o caso da narrativa *El matadero* (1838-1840), de Esteban Echeverría.

¹⁰ Nossa tradução livre: “As cartas existentes de Sáenz sugerem, além disso, que, no início da década de 1850, ela estava desenvolvendo pequenos negócios voltados ao artesanato no Equador, especialmente em Quito”.

¹¹ Nossa tradução livre: “No dia 23 de novembro, por volta das seis da tarde [...], Sáenz, com 59 anos, sucumbiu à doença. Sua morte seria notada por amigos. Sua vida, com o tempo, seria lembrada”.

¹² Em momento oportuno, sublinharemos a razão pela qual entendemos que esta obra da escritora argentina pode ser entendida como um romance histórico tradicional, isto é, pertencente àquela fase acrítica que se refere o pesquisador Gilmei Francisco Fleck, ainda que a figura ressignificada de Manuela Sáenz pareça ser a protagonista de toda a diegese. As reflexões do teórico, obviamente, partem do texto-base para pensar o romance histórico (LUKÁCS, 1966).

¹³ À geração de 37 argentina estão circunscritos intelectuais como Esteban Echeverría, Bartolomé Mitre, Domingo Faustino Sarmiento, Juan Baustista Alberdi, Vicente Fidel López, José Mármol, entre outros.

Ainda que sigamos problematizando a uma então “personalidade argentina” (CERDEIRA, 2019), é necessário, pois, sublinhar que dita condição

justifica-se não por uma particularidade, mas como um artifício retórico para salientar a pujante e contínua produção – do século XIX até a grande presença nas últimas três décadas –, notoriamente percebida não somente a partir das publicações que advêm do centro, ou seja, de Buenos Aires, mas que inundam as prateleiras a partir da presença de leitores de diversas províncias [...] (CERDEIRA; PIRES, 2020, p. 360).

A partir do ponto de inflexão sofrido no mercado editorial argentino por conta do impacto do romance *Como vivido cien veces* (1995) (CERDEIRA, 2018), o país acabou se transformando em um cenário de produção prolífera, gerando o que Phelipe Cerdeira intitulou como “oleada Bajo” (CERDEIRA, 2019, p. 241). Atento ao fato de que a multiplicação das obras se dobrava também às necessidades comerciais, o pesquisador também é responsável por se distanciar da celeuma referente às qualidades estéticas-escriturais de certos romances, para ponderar a representatividade de autores argentinos a escolher escrever ficção histórica nas últimas décadas e, sobretudo, a participação efetiva de intelectuais que enunciam não a partir do prisma portenho. Mabel Pagano – ainda que nascida em Lanús, cidade situada na província de Buenos Aires – parece ser um exemplo disso, escamoteando a hipertrofia em torno de discursos localizados na intelectualidade portenha. Vale lembrar que algo análogo havia sido pontuado ao pensar na ficção histórica produzida por André Rivera, que, mesmo tendo nascido na capital federal, permitiu que os seus romances demonstrassem uma “[...] proposta de quebra para (re)visar os grandes relatos e (re)construir, em primeira pessoa e via ficção, grandes próceres argentinos.” (CERDEIRA, 2019, p. 242).

E qual seria exatamente a razão para tal tensionamento ao pensar sobre as produções de ficção histórica argentina? Especialmente porque o “[...] fenômeno, como sabemos, é substancial, sobretudo para a (re)visão de nomes silenciados pelo cânone ou mesmo para ampliar a abrangência a partir de zonas e redes de contato.” (CERDEIRA, 2019, p. 241).

A partir dessa constatação e, justamente para dar conta de estudar e observar produções de escritores como Mabel Pagano, Cerdeira propõe a construção do que ele intitula como o tropo literário *Argentum Córdoba*, que é “[...] em certa ordem, uma busca para [...] ler obras ficcionais contemporâneas por meio de espectros distintos, entendendo as diferenças e valorizando produções que pulsam a partir do interior.” (CERDEIRA, 2019, p. 153). Entendemos, assim, haver a necessidade de se tomar as produções de ficção histórica argentina a partir de uma perspectiva outra (MIGNOLO, 2003), não apenas por assinalar as movimentações de diferentes escritores para ressignificar a partir da ficção momentos históricos distintos, mas também por ponderar como tais obras partem de pressupostos não hegemônicos, engendrados e cristalizados pelos interesses do campo portenho. Atendendo a tal pressuposto, passamos a ler diegeses que “[...] evidenciam também a experiência das margens, das vozes silenciadas, das comunidades e dos sujeitos propositalmente negligenciados nos relatos oficiais.” (FLECK, 2017. p. 57).

Antes de nos atentarmos à leitura de aproximação da obra *Manuela Sáenz. La señora de Paita* (2012), relembremos que a relevância das ficções paganianas para fomentar as produções de romances históricos que se circunscrevem à perspectiva *Argentum Córdoba* pode ser visualizada, inclusive, a partir dos diálogos entre os romances *En tiempos de Laura Osorio* (2005), de Cristina Bajo, y *Lorenza Reynafé* (2004), de Mabel Pagano. Para a construção da diegese do primeiro romance mencionado, Bajo utiliza como epígrafe do capítulo 19 de sua obra uma passagem justamente do romance de Pagano.

***La Señora de Paita* em um romance histórico tradicional: uma leitura de aproximação na obra de Mabel Pagano**

Nossa leitura tem como objetivo o relato enquanto sentido de discurso narrativo, particularmente em *Manuel Sáenz. La señora de Paita* (2012), da já referida escritora argentina Mabel Pagano. A partir do que estabelece Genette (1972), a análise do discurso narrativo implica o estudo das relações entre este discurso e os acontecimentos relatados. O relato designa uma sucessão de acontecimentos e o estudo das relações entre este mesmo discurso e o ato que o produz, consistindo realmente que alguém o conte. Dito de outra maneira, nosso objeto de estudo é a análise desses três aspectos da realidade narrativa: o relato como texto narrativo, a história como conteúdo narrativo e, ainda, a narração como ato narrativo produtor.

O romance *Manuel Sáenz. La señora de Paita* está conformado por sete partes e cada uma dessas seções oferece uma história contada por um narrador heterodiegético, isto é, externo ao relato, e por um compêndio de cartas escritas por diferentes personagens que fazem parte da diegese. O romance confronta a ordem da disposição dos acontecimentos no discurso narrativo com a ordem da sucessão desses mesmos eventos na história, indicado explicitamente pelo próprio relato. A anacronia é evidente desde as primeiras páginas, quando, por exemplo, diante dos sermões do pai e seu tom ameaçador por conta das experiências vividas nos braços do oficial Fausto, Manuela transmitia uma cara de ironia, enquanto a voz narrativa reconstruía a história dos seus pais:

Fue un amor intenso y vehemente, que los hizo saltar todas las barreras; Simón era casado y tenía hijos y Joaquina pertenecía a una buena familia que aspiraba verla haciendo una provechosa alianza con uno de los tantos jóvenes que la rondaban¹⁴. (PAGANO, 2012, p. 18).

Dessa forma, a analepse realizada pela narrativa continua até que a voz narrativa apresenta o futuro como presente no passado, ao expressar que “[...] Manuela se enteraría de todo con el tiempo, a través de Nicanora, que fue la única que iba a verla al internado, hasta que murió cuando ella tenía diez años¹⁵” (PAGANO, 2012, p. 20). Em seguida,

¹⁴ Nossa tradução livre: “Foi um amor intenso e veemente, que os cruzar todas as barreiras; Simón era casado e tinha filhos e Joaquina pertencia a uma boa família que aspirava vê-la realizando uma aliança proveitosa com um dos tantos jovens que a rondavam”.

¹⁵ Nossa tradução livre: “[...] com o tempo, Manuela saberia de tudo, por meio de Nicanora, que foi a única que lhe visitou no internato, até que morreu quando ela tinha 10 anos”.

parece-nos oportuno diferenciar o *alcance* de uma anacronia versus a sua *amplitude*. A primeira se refere ao afastamento temporal mais ou menos distante da projeção ao passado ou ao futuro, em relação ao momento presente do que é enunciado; já a segunda remite à duração mais ou menos grande da anacronia da história. Assim, quando a voz narrativa, no final da primeira parte, evoca os gritos na rua que devolveram Manuela à varanda quitenha, ela acaba nos informando também que “[...] se había perdido brevemente en sus recuerdos próximos, que abrieron una huella a otros más lejanos, como una forma de acortar la espera del gran momento, que compartía con todo el pueblo agolpado en las calles¹⁶” (PAGANO, 2012, p. 21). O fato de aguardar a entrada de Simón Bolívar também passa a nos demonstrar que, de forma geral, o relato do capítulo é uma completa analepse, que tem, por sua vez, um alcance de muitos anos e uma amplitude de alguns minutos.

Toda anacronia constitui um segundo relato, subordinando-se ao primeiro relato que o circunscreve. A segunda parte do romance se inicia com uma carta em que a personagem de extração histórica (SHARPE, 1992) Bolívar escreve a Manuela, expressando-lhe “[...] lo necesario de nuestra despedida y de este doloroso alejamiento¹⁷” (PAGANO, 2012, p. 25), referindo-se a um tempo de encontro e a relação amorosa omitida até o presente momento do texto ficcional. Avança-se a partir de um episódio anterior ao ponto de partida temporal da diegese, remontando-se à época em que seu pai “le habló de la conveniencia de casarla con ese hombre que frecuentaba su escritorio por asuntos de negocios¹⁸” (PAGANO, 2012, p. 26), a figura de extração histórica James Thorne. Tal antecipação ou prolepse em relação ao início do que é relatado é menos frequente que o uso da estratégia de analepse, contando com a competência narrativa do leitor, que deverá estar atento para decifrar o germen de sua aparição no encerramento da primeira parte, onde a voz narrativa anunciará: “El corazón de Manuela aceleró los latidos¹⁹” (PAGANO, 2012, p. 21), enquanto Bolívar subia pela rua principal de Quito.

A frequência das interpolações e a estratégia de emaranhado ao intercalar constantemente o passado da história causam certo imbróglío na leitura, sobretudo quando se trata de uma anacronia complexa. Na diegese paganiana, tenhamos como exemplo, após o avançar da segunda parte, o momento em que a voz narrativa avisa aos leitores que Manuela: “Sonríe recordando la tristeza de la negra cuando le dijo que no podía llevarla a Quito, hacia donde partiría aceptando una invitación de don Juan Larrea, un antiguo amigo de su padre²⁰” (PAGANO, 2011, p. 38). Há, neste momento, a realização de uma prolepse no meio de um relato, devolvendo os leitores ao momento em que “La atracción entre los dos se puso de manifiesto ni bien fueron presentados por

¹⁶ Nossa tradução livre: “[...] havia se perdido brevemente em suas recordações mais próximas, que abriram um caminho a outras mais distantes, como uma forma de diminuir a espera do grande momento, que compartilhava com todo o povo reunido nas ruas”.

¹⁷ Nossa tradução livre: “[...] o necessário da nossa despedida e este doloroso distanciamento”.

¹⁸ Nossa tradução livre: “[...] falou-lhe da conveniência de casá-la com esse homem que frequentava o seu gabinete por assuntos de negócios”.

¹⁹ Nossa tradução livre: “[...] as batidas do coração de Manuela aceleraram”.

²⁰ Nossa tradução livre: “Sorriu recordando a tristeza da negra quando lhe disse que não poderia levá-la a Quito, até onde partiria, aceitando um convite de don Juan Larrea, um antigo amigo do seu pai”.

el dueño de casa²¹” (PAGANO, 2011, p. 40), ou seja, ao dia em que ambas as personagens de extração histórica se conheceram: “Y esa fue la primera de las doce noches consecutivas en las que Simón Bolívar y Manuela Sáenz se entregaron a una pasión que no conoció límites ni medidas²²” (PAGANO, 2011, p. 43).

A seguir, uma carta de Manuela que, como todas as demais que constituem a diegese, manifesta a capacidade do relato de se desprender de toda dependência em relação à ordem cronológica da história contada, uma vez que é uma estrutura anacrônica, atemporal, sem indicação de datas e tampouco de lugares:

Amado Simón, dime que nos veremos también esta noche. A pesar de que no ha pasado aún el mediodía, ya espero, contando las horas, el arribo de tu enviado para que me guíe hacia tus brazos, donde he conocido la dicha con la que sueña toda mujer. Sabes que soy tuya²³. (PAGANO, 2012, p. 43, itálico da autora).

Quanto ao tempo do relato, confrontar a sua duração com o tempo da história contada é uma tarefa difícil, uma vez que os tempos de leitura variam de acordo com as individualidades e as ocorrências singulares. Portanto, é necessário renunciar a medição da duração e optar por relacionar a duração da história com a longitude do texto. Assim, em *Manuela Sáenz. La señora de Paita*, a história é medida em quase sessenta anos, e a longitude, em aproximadamente duzentas páginas. Outra possibilidade é relacionar o tempo romanesco com os quatro movimentos narrativos: elipses e pausa descritiva, por um lado, e cena e sumário, por outro. A elipse se refere ao tempo da história enunciado, como na carta em que Manuela responde a Bolívar no início da terceira parte:

Querido mío, la maledicencia sigue sin darme tregua. Los aristócratas de Lima no soportan que alguien con mi origen tenga tanto poder en su país. Yo trato de contener mi genio, pero a veces se me escapa, sobre todo cuando me entero de lo que algunas damas dicen de mi conducta «escandalosa»²⁴. (PAGANO, 2012, p. 54, itálico da autora).

Trata-se de uma elipse hipotética, impossível de ser localizada temporalmente, já que o texto não se refere anteriormente ao papel que Manuela desempenhara como futura heroína da independência do Equador, assim como não alude às suas atribuições como companheira de lutas e conselheira política de seu amante. A diegese de Pagano insinua muito mais os desejos de dada americanidade de Sáenz, de uma expectativa de ser testemunha de que os países americanos pudessem se libertar, valorizando os desejos de mulher, as crises de ciúmes e “la zozobra que la enloqueció desde el momento de la partida

²¹ Nossa tradução livre: “A atração entre os dois ficou clara nem bem os dois foram apresentados pelo dono da casa”.

²² Nossa tradução livre: “E essa foi a primeira das doze noites consecutivas nas quais Simón Bolívar e Manuela Sáenz se entregaram a uma paixão que não conheceu limites nem prudências”.

²³ Nossa tradução livre: “Amado Simón, diga-me que nos veremos também esta noite. Apesar de que ainda não tenha passado o meio-dia, já espero, contando as horas, a chegada do seu enviado para que me guie até os seus braços, onde conheci a fortuna com que sonha toda mulher. Sabe que sou tua”.

²⁴ Nossa tradução livre: “Meu querido, a maledicência segue sem me dar tregua. Os aristocratas de Lima não suportam que alguém com minha origem tenha tanto poder em seu país. Eu trato de conter o meu gênio, mas, às vezes, algo me escapa sem querer, sobretudo quando me descubro sobre o que algumas damas dizem sobre minha conduta <<escandalosa>>”.

de él hacia Guayaquil y que iría en aumento con el transcurso de las semanas²⁵” (PAGANO, 2012, p. 54).

No que diz respeito às descrições, estas não determinam uma pausa no relato, no sentido de suspensão da história, mas acabam servindo para o seu próprio desenvolvimento:

A medida que las expertas y rápidas manos de Simón iban despojándola del vestido, de las enaguas, del corpiño, cuyo trenzado era un obstáculo para la ansiedad, y del calzón, terminado en pequeños volados de puntillas, Manuela sentía cómo, junto con su ropa caían la angustia, los pesares, el despecho y los malos pensamientos. Y así, cuando al fin quedaba desnuda frente a él, lo único que la agitaba era la excitación. Un temblor la sacudía entera y en ocasiones, hasta le impedía ayudarlo a librarse de su propia ropa, que de todos modos era muy poca, porque Bolívar, sabiendo de antemano lo que sucedería, la esperaba solo vestido con un pantalón y una camisa, que rápidamente volaban a la silla más próxima o directamente al suelo²⁶. (PAGANO, 2012, p. 60).

No romance, o ritmo é perceptível a partir da alternância de sumários não dramáticos com a função de enlace e cenas dramáticas cuja função na ação é decisiva. Um exemplo da narração sem detalhamento das ações pode ser observado justamente na citação anterior, da mesma maneira que também representa um exemplo de cena na qual o drama não está na ação propriamente dita, mas na caracterização psicológica e social de uma mulher que se constitui enquanto sujeito de gozo e um homem que se mostra dominante.

Como dito até aqui, a categoria gramatical do tempo se aplica com evidência à trama do discurso narrativo; a de modo, por contrapartida, pode parecer desprovida de sentido, já que a função do relato é simplesmente contar uma história ou reproduzir fatos que, a rigor, só pode ser abrigado no modo indicativo. No entanto, também há diferenças de gradação na afirmação, porque se pode contar mais ou menos o que se conta e narrá-lo segundo diferentes pontos de vista. É exatamente essa a categoria de modo narrativo que analisaremos a seguir, plasmada na diegese do romance pagano, e que sintetizaremos em duas modalidades essenciais: distância e perspectiva.

Para a distância, partimos da noção de que nenhum relato pode mostrar ou imitar a história contada, mas somente pode contá-la de maneira detalhada, precisa e, dessa maneira, dar a ilusão de mimese, já que a narrativa é um fato linguístico e, por isso mesmo, significa sem imitar. No entanto, temos de distinguir entre relato de acontecimentos e

²⁵ Nossa tradução livre: “[...] a confusão que a enlouqueceu desde o momento da sua partida rumo a Guayaquil e que iria aumentar com o passar das semanas”.

²⁶ Nossa tradução livre: “À medida que as mãos especializadas e rápidas de Simón tratavam de retirar o seu vestido, das anáguas, do corselete, cujo trançado era um obstáculo para a ansiedade, e da calcinha, arrematada em pequenos bordados, Manuela sentia como, juntamente com sua roupa, caíam a angústia, os pesares, o despeito e os maus pressentimentos. E, assim, quando ficava nua diante dele ao final, o único que a agitava era a excitación. Um temor a sacudia inteira e, em ocasiões, até lhe impedía ajudá-lo a livrar-se da sua própria roupa, que, de todos os modos, era pouca, porque Bolívar, sabendo de antemão o que aconteceria, esperava-lhe somente vestido com uma calça e uma camisa, que rapidamente voavam para a cadeira mais próxima ou diretamente para o chão”.

relato de palavras, já que a diegese apresenta certos graus e ambos estão presentes em *Manuela Sáenz. La señora de Paíta*.

Quanto ao relato de acontecimentos, ocorre sempre uma transcrição não-verbal para uma verbal. Mostrar é dizer o máximo possível, fingindo que não é a voz narrativa quem relata, tal como ocorre na quarta parte do romance:

Muchos pueblos sepultados en la inmensidad andina, vieron el tránsito de Bolívar y sus soldados, organizando el gran ejército y supieron de Manuela, en Huamachuco y sus alrededores, reuniendo información, escribiéndole, acumulando y ordenando su correspondencia, esperando por él, despidiéndolo, reencontrándose²⁷. (PAGANO, 2012, p. 85).

Se a imitação verbal desses acontecimentos não verbais é uma ilusão, o relato de palavras admite três estados possíveis do discurso de personagens, os quais distinguiremos como discurso narrativizado, transposto e imediato. O primeiro, o discurso narrativizado, é o mais distante e redutor, tal como pode ser observado a partir da diegese: “Bolívar ha decidido que yo marche también²⁸” (PAGANO, 2012, p. 88); como revanche, o relato da certeza interior que leva a essa decisão acaba se desenvolvendo francamente quando Bolívar escreve:

Amada Manuela, no debes preocuparte por esos rumores que te han llegado acerca de las protestas del general Lara con respecto a ti. Reconozco mi egoísmo al exponerte a los riesgos e incomodidades de esta marcha, pero a pesar de que aún no he podido acercarme a verte, reconforta mi corazón saber que formas parte de mi ejército²⁹. (PAGANO, 2012, p. 88, itálico da autora).

No que se refere ao discurso transposto ao estilo indireto, vale lembrar que se trata de uma forma que não dá nenhuma garantia de fidelidade literal às palavras realmente pronunciadas pela personagem. Assim, podemos observar no seguinte exemplo, no qual Manuela condensa e integra ao seu próprio discurso o que interpreta de “Simón me dijo que había comprendido mis sacrificios de los últimos meses, exponiéndome a tantas incomodidades y las inclemencias del desierto y a todos los peligros que representaban los enemigos siempre acechantes, solo por estar a su lado³⁰” (PAGANO, 2012, p. 93) para escrever imediatamente que “Me aseguró que yo era su compañera, la mujer más querida,

²⁷ Nossa tradução livre: “Muitos povos sepultados na imensidão andina viram o trânsito de Bolívar e dos seus soldados, organizando o grande exército, e souberam de Manuela, em Huamachuco e os seus arredores, reunindo informação, escrevendo-lhe, acumulando e ordenando a sua correspondência, esperando por ele, despedindo-se, reencontrando-se”.

²⁸ Nossa tradução livre: “Bolívar decidiu que eu vá embora também”.

²⁹ Nossa tradução livre: “Amada Manuela, não deve se preocupar por esses rumores que têm chegado sobre os protestos do general Lara em relação a você. Reconheço o meu egoísmo ao lhe expor aos riscos e desconfortos desse deslocamento, mas, apesar de que ainda não pude voltar para lhe ver, reconforta o meu coração saber que você faz parte do meu exército”.

³⁰ Nossa tradução livre: “Simón me disse que tinha compreendido os meus sacrifícios dos últimos meses, expondo-me a tantos desconfortos e as inclemências do deserto e a todos os perigos que representavam os inimigos sempre perigosos, somente por estar ao seu lado”.

mientras apretaba mis manos y se las llevaba a la boca después³¹” (PAGANO, 2012, p. 93).

Por último, o discurso imediato é um discurso emancipado de todo o padrão narrativo, tal como ocorre nas cartas incluídas ao longo de todo o romance, nas quais a voz narrativa finge ceder literalmente as palavras às diferentes personagens, isto é, a instância narrativa desaparece e as personagens a substituem.

Para esta leitura, consideramos a tipologia dos três termos, da qual o primeiro corresponde ao relato com um narrador heterodiegético, uma instância narrativa que sabe mais do que a personagem ou diz mais do que qualquer um sabe sobre as personagens; o segundo, a voz narrativa que diz o que sabe de cada personagem, é o relato com ponto de vista restrito; e o terceiro, a voz narrativa que disse menos do que sabe sobre a personagem, sendo, portanto, o relato objetivo ou a visão de fora.

Rebatizaremos o primeiro tipo de relato como não focalizado ou focalização zero. O segundo será o relato como focalização interna, seja fixa, variável ou múltipla. E o terceiro será o relato com focalização externa, na qual as personagens jamais permitem que nós, leitores, possamos conhecer os seus pensamentos ou sentimentos. Como bem aponta o romance histórico de Pagano, arquitetado como romance epistolar, a eleição da focalização não é constante ao longo da duração do relato, mas sobre um segmento narrativo determinado.

Uma focalização zero pode ser acompanhada no início da quinta parte da diegese, quando o narrador heterodiegético pondera que “La ventana de La Plazuela se entornó sobre su cara mojada de lágrimas, lo que la obligó a preguntarse cuántas veces se había repetido esa misma escena desde que había conocido a Simón Bolívar³²” (PAGANO, 2011, p. 119). Enquanto que uma focalização interna múltipla pode ser observada nas cartas escritas por Manuela a Bolívar, a sua amiga Rosita ou mesmo para o seu meio-irmão José María:

Querida hermana: recibí tu última carta y en lo que hace a tus relaciones personales con Bolívar, me alegro de que se hayan reencontrado por fin. Te aseguro que fue una pena muy grande para mí ver tu tristeza y tu desconsuelo por él durante el tiempo que pasaste en Quito³³. (PAGANO, 2011, p. 141, itálico da autora).

As variações de ponto de vista que se produzem no transcorrer do relato têm uma focalização múltipla de acordo com as diferentes personagens. No entanto, há uma decisão narrativa perfeitamente visível no romance: apresentar uma Manuela Sáenz que não é a heroína da independência do Equador, mas a companheira do Libertador Bolívar:

³¹ Nossa tradução livre: “Assegurou-me que era sua companheira, a mulher mais querida, enquanto apertava as minhas mãos e as levava até a sua boca depois”.

³² Nossa tradução livre: “A janela da La Plazuela se fechou diante da sua cara molhada de lágrimas, o que a obrigou a se perguntar quantas vezes havia se repetido essa mesma cena desde que conheceram Simón Bolívar”.

³³ Nossa tradução livre: “Querida irmã: recebi a sua última carta em que você fala sobre as suas relações pessoais com Bolívar, alegro-me de que tenham se reencontrado por fim. Garanto para você que foi uma dor muito grande para mim ver a sua tristeza e o seu desconsolo por conta dele durante o tempo que passou em Quito”.

El nombre de Manuela Sáenz, al producir desconcierto en unos y rechazo en otros, fue olvidado porque, en definitiva, ¿qué había sido ella en la vida del Libertador? ¿Su amante? ¡Hubo tantas! ¿Su compañera? Quizás, pero en la historia de los grandes hombres, la que se escribe y la que se pregona, las mujeres se conforman con el reflejo de una luz que apenas las alcanza. Así, todos los honores fueron para Simón, ya convertido en una estatua de bronce y todo el olvido para la mujer que amó al hombre, aun por encima de los ideales que compartían, de sus defectos y de sus debilidades³⁴. (PAGANO, 2012, p. 185)

Nesse sentido, estamos diante de um romance histórico tradicional, segundo as proposições de Fleck (2017), uma vez que a obra literária em análise acaba por corroborar o passado histórico consignado nos anais da história positivista. No que diz respeito à modalidade tradicional, presente ainda na contemporaneidade, verifica-se que uma série de romances ilustra a protagonização de personagens históricas de modo a reafirmar, pela literatura, o que a história já havia postulado. Nesse sentido, a criticidade não será usada em grande medida, e a história oficial determinará a diegese. Para essa categorização de romance, podemos pensar na aproximação existente entre autores e historiadores positivistas, com sua focalização voltada ao mesmo discurso, normalmente, vinculado aos princípios colonialistas e expansionistas europeus. A tendência tradicional, portanto, reforça a valorização histórica das personagens heroicizadas por esse sistema cultural. Com relação aos heróis, podemos inferir que esses, ao serem trazidos para um espaço de evidência, atuam na diegese para reafirmar a construção de sentidos já atribuída a eles anteriormente. Características que envolvam a valorização dos heróis nacionais ou ainda do herói colonizador encontram nessa modalidade um espaço fértil para se manifestarem.

Em *Manuela Sáenz. La Señora de Paíta* (2012), há, desde sua apresentação, a intencionalidade de trazer ao público hispano-americano uma versão inédita e crítica da personalidade histórica. Entretanto, tal objetivo não é alcançado, uma vez que a protagonização de Manuela Sáenz acaba sendo um subterfúgio da diegese para seguir comungando uma versão tradicional a respeito de Simón Bolívar. Dessa forma, imagens de um general injustiçado preenchem a composição e as repetidas cenas em que a protagonista subverte o comportamento socialmente esperado estão vinculadas à sua vida íntima. Manuela Sáenz, representada ficcionalmente, contribui, nesse sentido, para reforçar o que alguns textos biográficos já apresentaram. O romance, portanto, renarrativiza o passado, sem oferecer ao seu leitor uma releitura crítica.

No romance de Pagano, depreendemos que a figuração da protagonista se insere no limiar entre a colonialidade e a descolonização, pois, atenta ao movimento independentista, ela compreende a urgente necessidade de uma nova reordenação do poder político, porém, tais medidas servem e atendem apenas uma pequena parcela da população, a elite oligárquica. Somos confrontados, aqui, com uma escrita que almeja uma ressignificação do passado – e a alcança em alguns momentos, por exemplo, quando Sáenz

³⁴ Nossa tradução livre: “Em nome de Manuela Sáenz, ao produzir desconcerto em alguns e aversão em outros, foi esquecido porque, definitivamente, o que ela havia sido na vida do Libertador? Sua amante? Houve tantas! Sua companheira? Talvez, mas na história de grandes homens, a que é escrita e repetida, as mulheres se conformam com o reflexo de uma luz que apenas as toca. Assim, todas as honras foram para Simón, já convertido em uma estátua de bronze e todo o esquecimento para a mulher que amou o homem, para além dos ideais que compartilhavam, dos seus defeitos e das suas fraquezas”.

apresenta-se em sua subversão aos padrões euro-falocêntricos impostos à sociedade colonial e reage de forma crítica e abrasiva, sendo tal ação percebida por todos que a acompanhavam. Contudo, ao se aliar a Bolívar e corroborar, discursivamente, a sua idealização, entrando para a história como Libertador da América, conforme entrou para a história, sua atuação fomenta uma visão positivista que molda a construção histórica das repúblicas independentes nos séculos XIX e XX, com ausência de criticidade.

Da noite caindo no porto de Paita ou algumas considerações

La noche había caído totalmente sobre el Puerto de Paita. La mujer se movió con dificultad en su hamaca. El sufrimiento le dibujó un gesto amargo en la boca. Sentía el cuerpo dolorido y pesado. Suspiró con nostalgia, recordando las cabalgatas que hacía por la orilla del mar cuando, después de que todo hubo terminado, llegara a ese rincón que parecía aislado del mundo³⁵. (PAGANO, 2012, p. 79).

Vislumbrar o cair da noite como a metáfora da derrocada de uma figura de extração histórica, vencida pelo tempo e pela frustração da impossibilidade de viver a sua liberdade, é um ponto de partida interessante para entendermos a arquitetura da diegese de Mabel Pagano. A expectativa de que a resignificação proposta pela ficção pagania pudesse resignificar uma Sáenz verdadeiramente senhora de Paita, talvez, se justifique não apenas pelo trabalho escritural da escritora e pelo seu projeto de recontar a(s) história(s) a partir da perspectiva de mulheres, mas também pela promessa contida no subtítulo do próprio romance. Afinal, não seria, pois, a oportunidade para que todos estivessem diante da “Senhora de Paita”? Ao longo do romance, como dito ao longo deste artigo, a elaboração acabou por privilegiar certas máximas de um discurso histórico preocupado em heroizar figuras tomadas pela missão de libertar todos aqueles que não têm força, elevando a figura de Bolívar e deixando à sombra uma Sáenz que parecia mais comprometida às ordens e às lógicas de uma mulher sempre pronta a esperar.

O fragmento que coroa a quarta parte do romance e que serve como epígrafe desta última seção merece atenção não apenas pelo tom lúgubre e poético construído pela decisão escritural, mas porque rompe uma lógica interna e majoritariamente cronológica da narrativa, estabelecendo uma prolepse ao que havia sido contado anteriormente e se conectando exatamente com o início do romance: “La fiebre no tardará en llegar a su puerta. [...] Le habían contado que no quedaban esperanzas de combatir la epidemia; [...] suspiró resignada³⁶.” (PAGANO, 2012, p. 11). Nesta leitura, outros jogos e tensionamentos entre os tempos da enunciação e do que é enunciado poderiam permitir

³⁵ Nossa tradução livre: “A noite havia caído completamente sobre o Porto de Paita. A mulher moveu-se com dificuldade em seu leito. O sofrimento lhe desenhou um gesto amargo na boca. Sentia o corpo dolorido e pesado. Suspirou com nostalgia, recordando as cavalgadas que fazia pela beira do mar quando, depois de que tudo havia terminado, chegara a esse lugar que parecia ilhado do mundo”.

³⁶ Nossa tradução livre: “Haviam-lhe contado que não restavam esperanças de combater a epidemia; [...] suspirou resignada”.

mais voz e vez para a própria personagem de Pagano, sublinhando que as mesmas ações românticas por permanecer ao lado de Bolívar não seriam simplesmente resultados de uma passividade, mas de uma decisão e, portanto, de um protagonismo para viver a sua própria vida, a vida *de la señora de Paíta*.

É válido retomarmos o entendimento de que os véus coloniais que ainda nos cobrem começam a ser descobertos de formas mais robustas apenas na década de 1990. A colonialidade do ser, do saber e de poder discutida pelo Grupo Modernidade/Colonialidade tem sido percebida e problematizada em estudos acadêmicos, principalmente, há trinta anos. Estamos nessa fase incipiente, que começa a problematizar com maior discernimento sobre os próprios processos.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. El campo literario. Prerrequisitos críticos y principios de método, *Criterios*, La Habana, n. 25-28, enero 1989-diciembre 1990, p. 20-42. Tradução de Desiderio Navarro. Disponível em: <<http://educacion.deacmusac.es/practicaslegitimadoras/files/2010/05/bourdieucampo.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2023.

BOURDIEU, P. Campo de poder, campo intelectual. Buenos Aires: Editorial Montessor, 2002.

CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. Prólogo. In CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón (Orgs.). *El giro decolonial: reflexiones para una universidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

CERDEIRA, P. de L. *Argentum Córdoba: diálogos, fissuras e soslaio entre ficção e história sob as miradas de Cristina Bajo, Andrés Rivera e María Teresa Andruetto*. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

CERDEIRA, P. de L.; PIRES, J. H. de O. Quando o descobrimento não é apenas história, mas reflexão: Abel Posse e uma trilogia para pensar a invasão da América. *Revista EntreLetras*, Araguaína, v. 11, n. 1, jan./abr., 2020.

CERDEIRA, P. de L. Luz que vem do interior: a guerra civil argentina ganha um novo capítulo em *Como vivido cien veces*. Campinas: Pontes, 2018.

FLECK, G. F. *O romance contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção*. Curitiba: CRV, 2017.

JITRIK, N. *Historia e Imaginación Literaria*, las posibilidades de un género. Buenos Aires: Editorial Biblos, 1995.

GENETTE, G. *El discurso del relato*. Ensayo de Método (orden, duración, frecuencia, modo). Editions du Seuil, Figures III, Paris, 1972, p. 65-224.

LUKÁCS, G. *La novela histórica*. Tradução de Jasmin Reuter. México D.F.: Ediciones Era, 1966.

MIGNOLO, W. *Historias locales, diseños globales*. Colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo. Buenos Aires: Akal Ediciones, 2003.

MILTON, H. C. *As histórias da história: retratos literários de Cristóvão Colombo*. 1992. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 1992.

MURRAY, P. *For glory and Bolívar: the remarkable life of Manuela Sáenz*. Austin: University of Texas Press, 2008.

PAGANO, M. *Manuela Sáenz*. La señora de Paita. Córdoba: Ediciones del Boulevard, 2012.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: *Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*. Buenos Aires: CLACSO, 2014.

ROHDE, M. L. *Manuela Sáenz: da história às ressignificações ficcionais - um percurso da colonialidade à descolonização e à decolonialidade*. 2022. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2022.

SHARPE, J. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 1992. p. 39-62.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*. Montevideo: Ediciones Trilce-Extensión Universitaria, Universidad de la República, 2010.